

ADOLFO LIPPI

EVANGELIZADOR E MÍSTICO
SÃO PAULO DA CRUZ
MESTRE DE SANTIDADE PARA HOJE

APRESENTAÇÃO:
CARDEAL ÂNGELO SODANO

PASSIONISTAS
PROVÍNCIA DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ
BELO HORIZONTE, 2020

FICHA TÉCNICA

TÍTULO ORIGINAL

**Mistico ed Evangelizzatore
SAN PAOLO DELLA CROCE
Maestro di santità per oggi**

AUTOR

Adolfo Lippi, cp

VERSÃO PORTUGUESA

P. Porfirio Sá, cp

2.ª EDIÇÃO

Janeiro de 2015

TIRAGEM

1.000 Exemplares

CONCEÇÃO GRÁFICA

Clássica, Artes Gráficas – Porto

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Clássica, Artes Gráficas – Porto

ISBN

978-972-8057-35-0

DEPÓSITO LEGAL

384943/14

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS EM LÍNGUA PORTUGUESA PELAS EDIÇÕES PASSIONISTAS

© EDIÇÕES PASSIONISTAS

**Av. Fortunato Meneres, 47
4520-163 SANTA MARIA DA FEIRA
Telefs. 256 362171/364656 – Fax 256 372212
E-mail: edicoes@passionistas.pt
Website: www.passionistas.pt**

**Edição no Brasil:
Província da Exaltação da Santa Cruz
Rua Souza Magalhães, 637
Bairro Barreiro
CEP: 30640-570 - Belo Horizonte/MG
www.provinciaexaltação.org.br**

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

22 de novembro de 1720. É uma data gravada no coração de cada Passionista. Na capela privada do bispo de Alessandria (Norte da Itália), das mãos de Dom Francisco Gattinara, Paulo recebe o hábito passionista. É a sua consagração total e definitiva a Deus. É o nascimento carismático da **Congregação da Paixão de Jesus Cristo** (Passionistas).

Paulo da Cruz tem claro, desde já, o carisma e a missão da nova Congregação: a *Memoria Passionis*, ou seja, “*Fazer contínua memória da Paixão de Jesus Cristo*”, vivê-la e prega-la como “*a obra mais estu-penda do amor de Deus para conosco*” e “*o remédio mais eficaz contra os males do nosso tempo*”. Para receber o reconhecimento da Igreja e a aprovação canônica, ele inicia um ‘retiro’ de quarenta dias e escreve as ‘Regras’ da futura Congregação (o “Retiro Castellazzo”. Castellazzo é uma pequena cidade no norte da Itália onde ele morava).

A *Memoria Passionis* (Memória da Paixão) foi a fonte da vida e da santidade de São Paulo da Cruz. Profundo místico, incansável pregador de missões populares, ‘caçador de almas’, prudente orientador espiritual, fundador da Congregação Passionista e das Monjas Passionistas, ele fez próprio o programa do apóstolo Paulo: *Pregar Cristo crucificado* (1Cor 1,23). Mas com uma novidade.

Contrariamente aos pregadores de sua época, que acentuavam sobretudo a dor na Paixão de Jesus, Paulo da Cruz destaca sobretudo o amor: “*A Paixão de Jesus é um mar de amor e um mar de dor*”, dizia. Para ele, o Cristo na cruz revela duas dimensões inseparáveis do amor: a *dimensão sacrificial* e a *dimensão festiva*, que é a superação da dor. As duas dimensões são inseparáveis. Se enfatizamos apenas uma dimensão, não estamos falando do amor de Deus. O amor de Deus é reconhecido por essas duas dimensões juntas: na cruz, Jesus é o mártir, o homem que bem conhece o sofrimento (Is 53,3), mas

ao mesmo tempo é o homem forte e inabalável, aquele que venceu, que ressuscitou. Na cruz, Jesus é o homem glorioso. A sua é uma morte gloriosa. A **Gloria da Cruz** é a *glória do amor*, a glória de quem ama.

Essa é a profunda intuição de Paulo da Cruz. Na meditação da Paixão de Jesus não podemos nos fixar somente nas dores de Jesus, pois ela é *“obra de amor”*. Sem deixar o lado da dor, Paulo destaca principalmente o amor que levou Jesus a morrer na cruz. Antecipando a hodierna teologia da Cruz, ele dizia: *“Do mar de amor do Pai flui o mar de dor de Jesus; do mar da Divina Caridade, flui o mar da Paixão de Jesus. São dois mares em um só”*.

O que ele chama de *“amor doloroso e dor amorosa”* é uma profunda experiência mística da vida íntima da Trindade, que deixa no coração uma profunda serenidade e alegria. É um estado de graça. É algo parecido (mas a analogia é imprópria) com o que A. Maslow, psicólogo humanístico, chama de *peak experience* (experiências sublimes).

Nas cartas de orientação espiritual que Paulo escreveu (mais de trinta mil), aparece bem claro que, para ele, é o amor que ilumina a Cruz e torna o coração do Crucificado de uma beleza única: é a **beleza** e a força do amor de Deus.

São Paulo da Cruz teria hoje 326 anos. Uma bela idade! Mas não a demonstra. Quando ele iniciou a experiência do ‘Retiro Castellazzo’, tinha 26 anos. Um jovem sonhador, determinado em levar para frente o que ele acreditava firmemente ser a vontade de Deus: fundar uma Congregação que fizesse contínua memória da Paixão de Jesus.

Seus sonhos, seu entusiasmo, sua juventude continua nos **jo-vens** que procuram a Congregação passionista desejosos de serem *“seus companheiros”* (Const. 1). Sua missão de “pregar o amor de Deus no Cristo crucificado” continua nos **Missionários passionistas** que, espalhados em mais de 62 Países, no trabalho pastoral, nos projetos sociais, na missão educativa continuam “compartilhando das alegrias e ansiedades da humanidade a caminho para o Pai,

participando das tribulações dos homens e mulheres, especialmente dos pobres e abandonados, confortando-os e aliviando-lhes os sofrimentos” (*Const.* 3); nas **Monjas passionistas**, o “coração orante da Igreja”; nas **Irmãs passionistas** resgatando e promovendo a dignidade da pessoa; nas **Leigas consagradas** (IMSP), na **Confraria da Paixão**, nas famílias (CLPs) que buscam na Paixão de Jesus a força para serem o “sal da terra” (Mt 5,13).

22 de novembro de 2020. Uma caminhada de 300 anos. Uma linda viagem que enche os corações de cada Passionista com um sentimento de orgulho e alegria. Olhando para o passado, ficamos surpreendidos ao ver o traço contínuo da mão de Deus que guia a Congregação.

O **Jubileu** convida-nos a olhar para o passado com *Gratidão*, a viver o presente na *Profecia* e a olhar para o futuro com *Esperança*, *Renovando a missão*.

Como sinal de gratidão a Deus e ao nosso Fundador, queremos apresentar à Família Passionista do Brasil e aos devotos de São Paulo da Cruz esta **Biografia** do Pe. A. Lippi, passionista, convencidos pela atualidade da mensagem de Paulo da Cruz: estar *apaixonadamente aos pés* do Crucificado é o “*caminho mais seguro para alcançar o auge da santidade*”.

Os Santos são a parte mais jovem da Igreja, pois, brilhando neles a vida e “a alegria em plenitude” (Jo 17,13), a mantêm sempre jovem. Os Santos são como o cristal: cada face brilha de uma beleza única, manifestando a criatividade do Espírito Santo, que renova continuamente a face da terra. Em cada Santo brilha um particular da beleza de Cristo. **Em Paulo da Cruz brilha a beleza e a força do amor de Cristo crucificado.**

*Pe. Giovanni Cipriani, Passionista
Superior Provincial EXALT
19 de outubro de 2020
Festa de São Paulo da Cruz*

APRESENTAÇÃO

Era eu ainda muito pequeno e já gostava da figura de São Paulo da Cruz. Os Passionistas do convento de Molare, não muito longe de Ovada, a terra natal do Santo, vinham muitas vezes pregar as missões populares a várias paróquias da minha terra, em Asti. A imagem daqueles santos religiosos ainda está gravada na minha memória. Desde então comecei a gostar da grande figura que foi São Paulo da Cruz, um dos muitos santos que engrandeceram a Igreja italiana do século XVIII.

A época histórica em que a Providência fez surgir o nosso Santo trazia problemas novos, também à vida da Igreja. Ao contrário de outros, porém, Paulo da Cruz tomou uma decisão: não se limitou apenas a lamentar os males do seu tempo, mas a pôr as mãos à obra com todas as suas forças para lhe encontrar o remédio. E, assim, vemos o nosso Santo passar à ação.

Os males são muitos: por onde começar para os vencer? Paulo não duvida: é preciso começar pela renovação da vida de fé e de oração. Isto é válido para todos os cristãos, mas é válido, principalmente, para os sacerdotes, religiosos e outros responsáveis da vida da Igreja. A sua preferência pela dedicação ao ministério das missões populares e à pregação de retiros espirituais ao clero e às religiosas, iniciada quando era ainda um jovem leigo, tem certamente esta finalidade. Mais ainda, porém, o demonstra a atividade da direção espiritual, exercida, entre outros meios, através de milhares de cartas por ele escritas, exercendo com elas uma profunda pedagogia espiritual em favor de todas aquelas pessoas nas quais descobre o chamamento e os dons de Deus.

Mestre de oração e promotor de escolas de oração, Paulo não se limita a favorecer as práticas devocionais mais difusas na Igreja do seu tempo, mas convida à escuta atenta da palavra de Deus e à meditação dos mistérios da fé. «Ensinar o povo a fazer oração», era o seu

programa: este constituía a base para a formação de uma consciência autenticamente cristã e para o crescimento de uma prática religiosa que não fosse rotineira e apenas exterior. A importância dada à dimensão contemplativa nas Regras da congregação passionista, a solidão em que ele queria fossem construídos os conventos, aos quais chamava “Retiros”, são outros tantos testemunhos da sua convicção referente à prioridade a dar a Deus e à oração na sua vida.

Foi a mesma dinâmica da oração que o levou a centrar a sua espiritualidade e o seu apostolado na pessoa de Jesus e na sua Paixão. A Paixão de Jesus – e, logicamente, a do discípulo – não é apresentada por Paulo somente como expiação, mas, principalmente, como manifestação do amor de Deus. Ficou célebre a sua frase: «*A Paixão de Jesus é a maior e mais maravilhosa obra do amor de Deus*». A Paixão do Filho brota da fonte do amor do Pai. Como os outros missionários do século XVIII, Paulo da Cruz pregava os “Novíssimos” para abrir as consciências à escuta de Deus, mas dizia que apenas a memória da Paixão converte verdadeiramente os corações endurecidos. Para além disso, a mesma Paixão de que se servia para levar os afastados à conversão, representava, também para ele, o caminho para conduzir os mais generosos aos mais altos vértices da mística. Morte mística e divina natividade, são as polaridades desta ascese interior, polaridades que antecipam o incremento hodierno da espiritualidade batismal e pascal.

Vem, depois, a pobreza, através da qual Paulo renova o entusiasmo e o rigor do franciscanismo primitivo. Numa época em que os bens de muitos institutos eclesíásticos representavam mais um obstáculo do que uma ajuda à evangelização, Paulo foi inflexível ao exigir e defender, para os seus religiosos, quer a pobreza pessoal como comunitária. No princípio, tinha querido dar aos membros da nova congregação o título de «Os pobres de Jesus». Mas, depois, a exclusão de qualquer fonte de rendimentos estáveis foi uma das dificuldades que mais impediu e atrasou a aprovação da nova congregação por parte da autoridade eclesíastica que, no entanto, face à sua firmeza interior, reconheceu que tudo quanto exigia vinha do Espírito de Deus.

E, finalmente, a paixão pela Igreja, à qual Paulo dedica incansavelmente todas as suas energias. Esta paixão não é sentida por ele como

qualquer coisa de diferente ou de secundário em relação ao amor para com o Pai e para com Jesus. O trabalho apostólico não se opõe à contemplação, mas é a sua emanção. Ele sabe que a Igreja é fruto do sangue de Cristo e brota da chaga do seu Lado. Numa época em que estava para eclodir na humanidade uma rotura sem precedentes, Paulo lança as bases para uma reconciliação autêntica. Devotíssimo para com a Sé apostólica e amigo pessoal de vários papas do seu século, partilha com eles a preocupação pelo futuro do cristianismo e o sentimento da urgência de uma transformação na vida dos cristãos e, especialmente, do clero.

Para promover esta transformação, Paulo não divide a Igreja em categorias, mas faz apelo e colabora com todas as pessoas de boa vontade, onde quer que se encontrem e seja qual for a classe a que pertençam. Desta forma, encontramos entre os seus mais íntimos confidentes e colaboradores religiosos que viveram sempre em clausura, como a venerável Maria Crucificada Costantini, de Tarquínia, e Colomba Leonardi, de Vetralla; leigos, como Inês Grazi, Tomás Fossi, Lúcia Burlini e António Frattini, mas também cardeais ilustres, como Pedro Marcelino Corradini e Marcelo Crescenzi; e digníssimos pontífices, como Bento XIV, Clemente XIII e Clemente XIV. Num tempo em que o clero era muito numeroso, Paulo apostou, para a sua congregação, mais na qualidade do que na quantidade. Precisamente por isso é que Paulo se tornou mestre de um grande número de almas santas, algumas das quais já reconhecidas pela Igreja. Além disso, dois dos seus discípulos diretos, mais tarde bispos, lutaram corajosamente pela fé e pelo Evangelho. Foram eles Tomás Struzziéri e São Vicente Maria Strambi.

Por estes e outros motivos, que seria demasiado longo elencar, congratulo-me com esta nova biografia de São Paulo da Cruz que, embora com um estilo narrativo e de agradável leitura, tem em conta os recentes estudos feitos sobre o Fundador dos Passionistas, sintetizando nela a sua doutrina espiritual. Bem enquadrada na época histórica em que Paulo viveu, ela constitui uma referência contínua ao nosso tempo, à luz dos ensinamentos do Concílio Vaticano II. No ano 2020, que já não está longe, celebra-se o terceiro centenário da fundação da Congregação dos Passionistas. Faço votos para que nesse ano jubilar,

e não apenas nele, a sua biografia tenha uma grande difusão entre o povo cristão, particularmente entre todos aqueles que estão ligados, de algum modo, à espiritualidade e à Congregação da Paixão.

Vaticano, Natal 2013

Cardeal Angelo Sodano
Decano do Colégio cardinalício

PREFÁCIO

Quando Paulo Danei era criança, a Itália contava com cerca de treze milhões e meio de habitantes¹; o mundo, uns 500 milhões². A quase totalidade dessas pessoas hoje já não são lembradas. Recordam-se apenas algumas, mas muito poucas: reis e senhores, escritores, guerreiros, cientistas, revolucionários. Entre aqueles que são lembrados, em número ainda mais reduzido, estão os santos.

Não é difícil descobrir as razões pelas quais algumas pessoas emergem entre uma multidão esquecida: são pessoas que pertenceram a famílias poderosas ou, então, pessoas que foram particularmente dotadas de grande talento. Mais difícil, porém, é compreender como algumas se tornaram santas, pelo menos quando não se queira reduzir a santidade a uma qualquer forma de génio.

Paulo Danei deu origem a um movimento espiritual, entre os mais importantes na Igreja, hoje presente em muitos países dos cinco continentes. Muitos compreendem, ainda hoje, a força de tais movimentos espirituais, mais exteriormente uns, mais interiormente outros.

Percorrendo a vida de Paulo Danei, podemos perguntar: porque se incarnou nele esta força espiritual? O que é que fez dele um santo? Foi obra de Deus ou esforço titânico de um homem? Dom da graça, produto da vontade ou fruto das duas coisas? O que é um santo? O que há, no conjunto daquele corpo vivo, palpitante e orgânico, que é a Igreja? O que é, à luz dos ensinamentos do Concílio Vaticano II? O que é que age no fenómeno histórico da origem dos movimentos espirituais?

¹ D. Carpaneto, G. Ricuperati, *L'Italia del Settecento*, Laterza, Bari 1986, p. 5.

² G. Livet, R. Mousnier, *Storia d'Europa. Dallo Stato assoluto all'illuminismo*, Laterza, Bari 1982, vol. IV, 183.

Para responder a estas perguntas, os documentos mais objetivos a ter presente são os escritos pessoais do Santo. Entre estes, tem prioridade a correspondência epistolar, isto é, as cartas escritas a pessoas particulares, pois não foram escritas pensando na sua publicação. Mas também todos os outros documentos contemporâneos aos acontecimentos devem ser considerados fundamentais. Temos, depois, os testemunhos dos processos canónicos, tornados públicos muitos anos depois dos acontecimentos. Embora cheios das melhores intenções, eles são, por vezes, inexatos e imprecisos. Isto não impede que, devidamente comparados com os documentos diretos e relacionados entre si, nos possam oferecer preciosas informações. Hoje, esses depoimentos são particularmente valorizados devido ao imediatismo com que nos relacionam, através de pessoas de todas as condições, muitas vezes simples e iletradas, com a vida quotidiana de outras épocas³.

Numa história da Igreja que fosse verdadeiramente história sagrada – isto é, uma história de tudo aquilo que o Espírito exerce na Igreja – e não simplesmente a narrativa de acontecimentos referentes a pessoas da Igreja, a hagiografia deveria ter um lugar bem mais importante daquele que lhe é reconhecido hoje em dia. Alegra-nos o facto de, hoje, se estarem a fazer notáveis tentativas históricas, literárias, cinematográficas, que nos fazem reviver a vida dos santos. Uma plena avaliação deste género literário, porém, só terá lugar com o pleno desenvolvimento da eclesiologia e quando as bases da história da Igreja forem verdadeiramente autónomas, relativamente a qualquer outro género de historiografia. O Espírito anima a Igreja por meio dos santos: porquê, então, se continua a dar maior importância às relações da Igreja com a grande política do mundo, com a cultura ou com a economia?⁴.

Em 1994 celebrou-se o terceiro centenário do nascimento de São Paulo da Cruz. Esta biografia insere-se numa série de estudos que a congregação passionista programou por aquela ocasião. Estando destinada ao grande público, ela não remete diretamente para a documentação de arquivo, mas, sobretudo, para outros estudos críticos

³ V. E. Giuntella, *Roma nel Settecento*, Cappelli, Bologna 1971, pp. 322-323.

⁴ Cf. H. Jedin (diretor), *Storia della Chiesa*, I, Jaca Book, Milano, 1977, XXIV e XXX. Para um mais amplo estudo deste tema, remeto para o meu artigo *La teologia dei santi fra religiosità popolare e profezia del concilio*, em *Sap. Cr.*, VI (1991), 241-259.

acessíveis a todos, entretanto já publicados. Em especial, devo muito à meticulosa pesquisa levada a cabo pelo P. Henrique Zoffoli, passionista, na sua grande biografia publicada a pedido do Conselho Geral da Congregação entre 1963 e 1968. Evito, normalmente, adentrar-me na pesquisa histórica e teológica, preferindo uma simples narração dos factos e a exposição da espiritualidade de São Paulo da Cruz.

A grandeza espiritual do santo não se comprova a partir das avaliações do biógrafo, nem dos elogios ou panegíricos feitos por outros, mas a partir da sua história e dos seus escritos. Factos e escritos falam por si mesmos como objeto de reflexão teológica sobre as dinâmicas interiores que dão vida e fazem crescer o corpo vivo de Cristo, que é a Igreja e, também, como objeto de meditação. Por esse motivo, inseri uma grande quantidade de citações dos escritos do Santo, com o risco de, por vezes, tornar a biografia um pouco pesada. Gostaria que fosse o próprio Paulo da Cruz a falar, convencido como estou de que os seus escritos são cheios de luz e de sabedoria também para nós, hoje.

Atualmente também se publicam biografias de tipo jornalístico, com um estilo florido e atraente (ou que, pelo menos, se querem fazer passar como tal), a fim de tornar o santo simpático ao leitor contemporâneo de média cultura. Não é esta a intenção desta biografia. Aqui, o santo é apresentado como é, apoiado na base de uma documentação rigorosamente histórica: compete ao leitor perguntar-se a si próprio se a mensagem da sua vida lhe interessa ou não, e agir em conformidade.

Esta segunda edição reproduz fundamentalmente a primeira, que teve um ótimo acolhimento, com algumas pequenas alterações e atualizações. Verdadeiramente nova é a apresentação do itinerário de santidade proposto por São Paulo da Cruz para nós, hoje, apresentação que se encontra nos capítulos da III Parte. É uma tentativa que penso ampliar com fins formativos. Isso supõe que a vida e os ensinamentos de São Paulo da Cruz sejam ainda válidos e importantes, capazes de estimularem um autêntico caminho espiritual para Deus, sobretudo para a Família Passionista no seu conjunto, constituída por religiosos, religiosas e leigos associados. A sua eficácia só pode ser demonstrada com a experiência, que até agora tem sido positiva.

É difícil dizer se, fora da fé religiosa, será verdadeiramente possível reviver a vida daqueles que nos precederam na história da humanidade.

Contrariamente, é fácil pensar que, se não for pela fecundidade dos seus ensinamentos, da sua oração e, mais ainda, do seu sacrifício, os homens e as mulheres de Deus do passado voltem a viver em nós, que os recordamos com admiração e lhes rezamos. Estudar uma pessoa santa do passado é, principalmente, isto: reviver a sua vida, a sua morte por obediência a Deus e por amor, o seu doar-se à humanidade. Estas realidades permanecem: elas não são a vida eterna, mas, sim, um sinal, uma antecâmara, uma experiência do dogma da comunhão dos santos em Deus.

Adolfo Lippi, cp.

NOTA DO TRADUTOR

Após duas edições do original italiano da biografia de São Paulo da Cruz, escrita pelo sacerdote passionista Adolfo Lippi, cabe-me a honra, mas também a responsabilidade de apresentar a versão da mesma em língua portuguesa.

“Honra”, por me ter sido confiado este trabalho de um autor que conheço pessoalmente, mas, sobretudo, pela sua agigantada personalidade de professor e estudioso, quer no campo da filosofia e da teologia – com incidência em “Teologia da Cruz” –, como também no âmbito da cultura religiosa em geral e da espiritualidade passionista em particular.

“Responsabilidade”, porque o padre Adolfo, através desta biografia, dá-nos uma imagem totalmente nova, mas realista, do Fundador dos Passionistas. Apesar da profundidade e do rigorismo histórico da vida e dos factos apresentados, a que fazem jus as contínuas citações das fontes ao longo do texto, o autor utiliza uma linguagem e uns conceitos nem sempre muito acessíveis ao grande público, sobretudo na II e III partes. Daí que se possa considerar esta presente tradução um arrojado atrevimento, a pedir, certamente, a indulgência do autor e a condescendência por parte dos leitores, pelas deficiências de ordem literária ou de interpretação, suscetíveis, inclusivamente, de, aqui ou ali, não transmitirem fielmente o pensamento original do autor.

Em concomitância a este pedido, aqui fica registado também o nosso profundo agradecimento ao padre Adolfo Lippi por todas as facilidades que nos proporcionou, para que esta edição em língua portuguesa fosse possível, assim como também ao padre José Queirós, pela preciosa colaboração na revisão dos textos.

Tem lugar este trabalho na comemoração dos 50 anos da presença efetiva dos Missionários Passionistas em Terras de Santa Maria da Feira (1965-2015). Fazemos votos para que, sobretudo, junto deste bom povo, a quem é dedicada esta obra, ela encontre a melhor aceitação, invocando sobre todos as melhores bênçãos de Deus por intercessão do seu servo, Paulo da Cruz.

P. Porfírio Sá, cp

ABREVIATURAS

- AGCP:** Arquivo Geral dos Passionistas, SS. João e Paulo, Roma.
- Annali:** João Maria de Santo Inácio, Mártir, *Annali della Congregazione della SS.ma Croce e Passione di N. S. G. C.*, com anotações do padre Caetano de Nossa Senhora das Dores, Passionistas, Roma 1967.
- Bialas:** M. Bialas, *La Passione di Gesù in S. Paolo della Croce*, Eco, São Gabriele (Te) 1982 (tradução do alemão).
- Bollettino:** *Bollettino della Congregazione della SS. Croce e Passione di N. S. G. C.*, Passionistas, Roma, desde 1920.
- Breton:** Estanislaou Breton, *La mistica della Passione. Studio sulla dottrina spirituale di S. Paolo della Croce*, Stauros, Pescara 1986 (tradução do francês).
- Brovetto:** C. Brovetto, *Introduzione alla spiritualità di S. Paolo della Croce. Morte mistica e divina natività*, Eco, São Gabriele (Te) 1955.
- Decreti:** *Decreti e raccomandazioni dei Capitoli generali della congregazione della SS. Croce e Passione di N. S. G. C.*, ao cuidado de F. Giorgini, Passionistas, Roma 1960.
- Diario:** São Paulo da Cruz, *Diario spirituale*, ao cuidado de Henrique Zoffoli, Roma 1964.
- DS:** *Dictionnaire de Spiritualité, ascétique et mystique*, (Paris 1937 ss.).
- L:** *Lettere di S. Paolo della Croce*, ao cuidado do P. Amadeu da Mãe do Bom Pastor (Casetti), 4 vols., Roma 1924.

Volume V: Lettere di S. Paolo della Croce, (integração da edição preparada por P. Amadeu, com cartas inéditas), ao cuidado de Cristóvão Chiari, Passionistas, Roma, 1977.

Nota: Para facilitar a pesquisa dos textos citados das Cartas, indicarei sempre o destinatário e a data de cada uma delas e, quando existem, as edições mais recentes LG e LA.

LG: São Paulo da Cruz, *Lettere ai Passionisti*, ao cuidado de F. Giorgini, Cipi, Roma 1998.

LA: São Paulo da Cruz, *Lettere ai laici*, ao cuidado de M. Anselmi, dois volumes, Cipi, Roma 2002.

Pastor: L. v. Pastor, *Storia dei papi dalla fine del Medioevo*, 16 vols., Desclée, Roma 1910-1934.

PBC: *I processi di beatificazione e canonizzazione di S. Paolo della Croce*, ao cuidado do P. Caetano de Nossa Senhora das Dores, 4 vols., Roma 1969-1979.

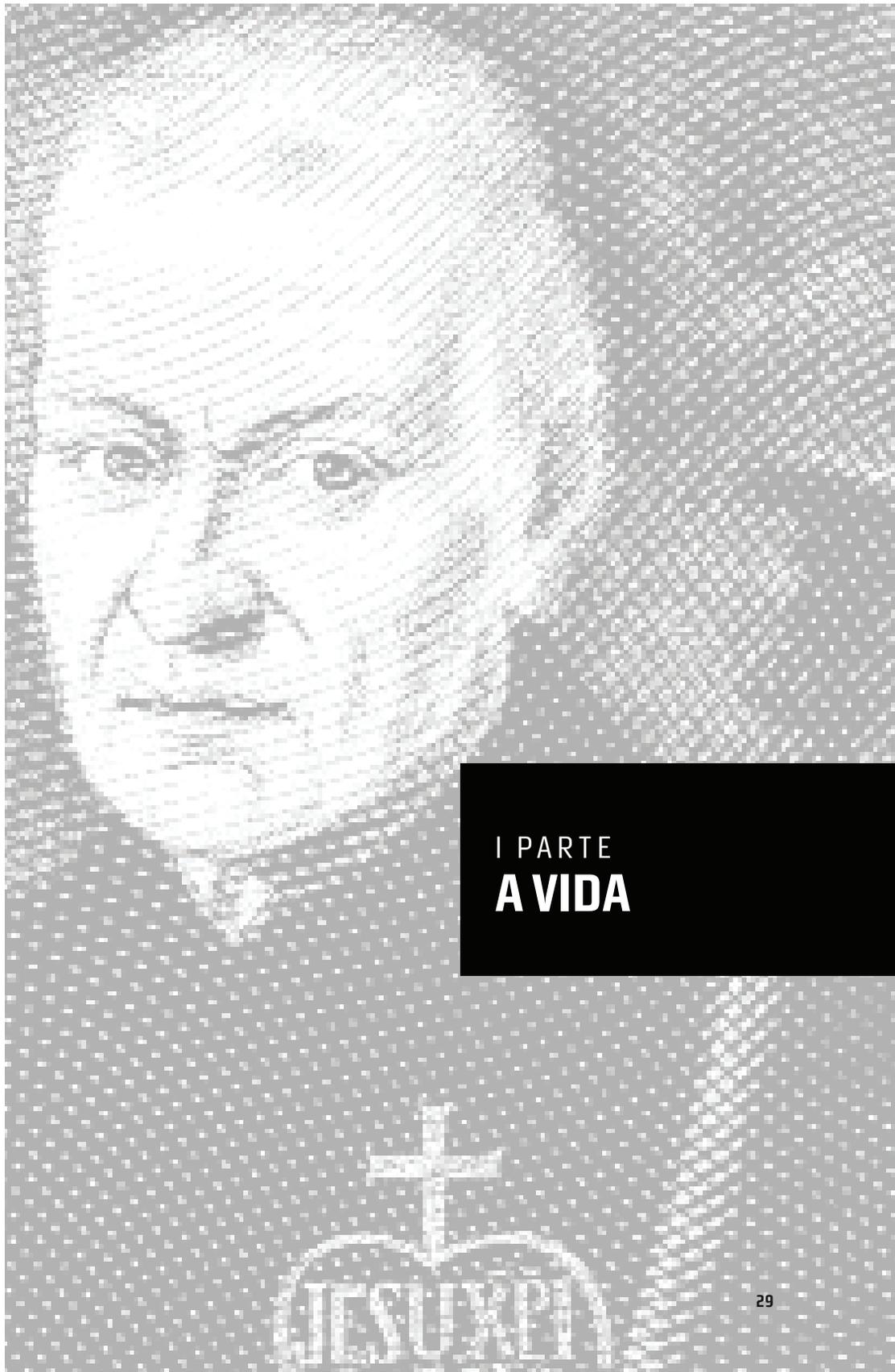
Regulae: *Regulae et Constitutiones Congr. SS. mae Crucis et Passionis D. N. J. C.*, editio critica, ao cuidado de F. Giorgini, Romae 1958.

Sap Cr: *La Sapienza della Croce* (revista), desde 1986 até hoje.

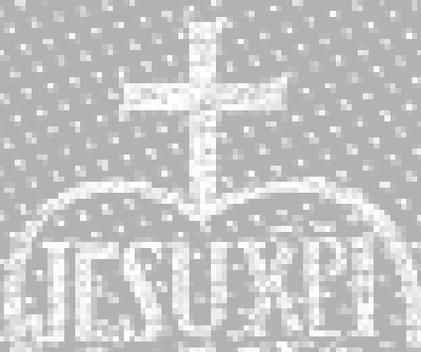
StCr: H. Zoffoli, *S. Paolo della Croce. Storia critica*, 3 vols., Passionistas, Roma 1963-1968.

Storia: *Storia della Congregazione della Passione di Gesù Cristo*, vol. I: *L'epoca del Fondatore*, Stauròs, Pescara 1981.

Strambi: *Vita del ven. Servo di Dio P. Paolo della Croce*, extraída fielmente dos processos ordinários pelo P. Vicente Maria de São Paulo, Roma 1786.



I PARTE
A VIDA





NO SEIO PROTETOR DA CASA DANEI

(1694-1701)

O universo materno de Paulo Danei

Antes de se relacionar com a sua terra e com sua gente, antes de conhecer a cultura e a história, Paulo Danei, como cada um de nós, teve um relacionamento com uma pessoa: a sua mãe, Ana Maria Massari. No dealbar da vida, a mãe não é para o seu bebê uma pessoa entre tantas outras, embora mais amada, mas é para ele um universo, todo o universo. Ele agarra-se ao seu corpo e nele encontra segurança, proteção e alimento. No confronto com o *tu* da mãe, emerge o próprio *eu*, a personalidade.

Paulo Danei teve um ótimo relacionamento com a mãe, não somente a nível físico e humano, mas também a nível espiritual. Reproduziu-se entre eles aquele relacionamento necessário para a formação do homem-Jesus, como foi o relacionamento entre Nossa Senhora e o seu Menino¹.

Ana Maria Massari, digna esposa de Lucas Danei, deu à luz o seu primeiro filho varão – Paulo Francisco – na manhã do dia 3 de Janeiro de 1694, na povoação de Ovada que, então, fazia parte da República de Génova. A jovem esposa – contava então vinte e dois anos – tinha-se casado dois anos antes com Lucas Danei. Lucas era viúvo e não tinha filhos. A sua primeira mulher – Maria Catarina De Grandis – tinha morrido com apenas trinta anos, depois de cinco anos de casamento. Lucas era quinze anos mais velho do que a segunda mulher, Ana Maria, mas, apesar disso, a harmonia entre eles foi perfeita durante toda a sua vida.

¹ H. U. von Balthasar, *Le persone del dramma: l'uomo in Cristo*. Volume três de Teodrammatica, Jaka Book, Milão 1983, 165.

Ana Maria tinha nascido em Rivarolo Lígure, para onde o seu pai se tinha transferido desde Novara, tendo constituído aí família. Uma família abastada², que permitiu a Ana Maria receber alguma instrução, o que era uma coisa rara naqueles tempos, especialmente para as mulheres. As mulheres em condições de ler e escrever, efetivamente, não chegavam a quinze por cento, enquanto que os homens andavam à volta dos trinta por cento³. Ana Maria utilizava esta sua capacidade para ler vidas de santos, especialmente dos anacoretas e dos padres do deserto. Todos os seus pensamentos estavam concentrados em Deus, na fé e na oração. O mundo da fé, da Bíblia, dos santos era aquele a que ela continuamente fazia referência. Foi esse, por isso, o primeiro mundo também para o pequeno Paulo. Todos aqueles que falam dela, descrevem-na como «uma santinha, humilde, devota, sem exuberâncias»⁴.

A gestação de Paulo foi particularmente serena, diversamente de quanto tinha acontecido com a primogénita, nascida um ano antes e falecida apenas três dias após o nascimento. Todas as lendas que se dizem acerca do nascimento de Paulo, são lendas *sobrenaturais*. Conta-se que, naquela noite, se viram luzes no quarto da parturiente, a qual, logo que nasceu o menino, ouviu dizer à parteira: se viveres, ouvirás grandes coisas sobre este menino⁵.

A religiosidade de Ana Maria não era, porém, uma religiosidade fingida. Isso é demonstrado não só pelos testemunhos daqueles que a conheceram, mas também pela vida que levou na casa Danei. Ana Maria viveu verdadeiramente entre a casa e a igreja. Viveu uma vida marcada por nascimentos e mortes. Entre 1693 e 1720 teve nada menos que dezasseis filhos, mas, destes, apenas sobreviveram seis, para além desta última data⁶. Quando nasceu a última filha – Catarina – Ana Maria tinha quarenta e oito anos.

² P. Federico, *Contributi minimi alla biografia di S. Paolo della Croce*, em *Fonti vive* (revista), 1960, 256-257.

³ G. Livet, R. Mournier, *op. cit.*, 159 (na França); G. De Sanctis, *Anna Maria Massari Danei. Madre di santi*, Roma, 1972, 14.

⁴ *PBC*, II, 70 (A. F. Lamborizi).

⁵ *PBC*, IV, 184 (Fr. Batolomeo Calderoni).

⁶ G. De Sanctis, *op. cit.*, 37-38: corrige a frase pouco clara de *StCr*, I, 114, afirmando que os sobreviventes foram apenas cinco.

Mas o testemunho mais válido a favor da autenticidade da sua fé é aquele que, da sua mãe, dará o próprio Fundador dos passionistas: *Oxalá que eu tivesse a bondade da minha mãe – costumava dizer*⁷. *Se alguma coisa fiz de bom, devo-o aos seus ensinamentos; se eu me salvar, como espero – disse numa pregação – agradeço-o muito aos exemplos recebidos da minha mãe*⁸.

Recordava com muita gratidão ambos os progenitores, mas louvava especialmente a mãe. À notícia da sua morte, em 1746, escreveu aos irmãos uma carta na qual exprimia a certeza moral de que a mãe, Ana Maria, teria voado imediatamente para o céu e que, por isso, não teria necessidade de sufrágios⁹.

Estes testemunhos demonstram à saciedade o perfeito entendimento que existia entre Paulo e a sua mãe, uma perfeita harmonia quer no campo das relações psicológicas, como no campo da fé e da oração. Foi esta a primeira grande graça que Deus concedeu a Paulo, quase como fundamento de tantas outras que lhe haveria de conceder posteriormente; e ele tinha perfeita consciência disso. De entre as várias devoções que caracterizavam a vida religiosa daquele tempo, Ana Maria tinha uma particularmente sua: era a devoção ao santo nome de Jesus. Mediante esta devoção, a fé tornava-se para ela vital, carismática e personalizada. Com aquele nome, ela, de um modo quase sacramental, chamava Deus para a sua casa e para a sua família e a Ele consagrava a sua vida e os seus sacrifícios.

João Batista, companheiro de vida

Paulo foi batizado três dias após o nascimento, na festa da Epifania de 1694. Além do nome de Paulo, foi-lhe dado também o de Francisco. O primeiro nome era do avô paterno; o segundo foi querido provavelmente pela devoção ao santo de Assis. Foi batizado na igreja paroquial de Ovada pelo pároco, padre João Bernardo Benzi. Foi padrinho o padre João André Danei, um sacerdote parente que era reitor do oratório da Anunciada, e madrinha a avó Maria Catarina Massari¹⁰.

⁷ *PBC*, III, 174 (Fr. Francesco Franceschi).

⁸ Testemunho de G. Cioni, referido em *StCr*, I, 88.

⁹ *L* II, 549.

¹⁰ O assento de batismo está registado em *StCr*, 101.

Quando se abriram ao pequeno Paulo, para além dos olhos do corpo, também os da mente, encontrou perto de si, junto dos pais, um irmãozinho mais pequeno, nascido um ano e alguns meses depois dele. Segundo os costumes do tempo, foi-lhe dado o nome do avô materno: João Batista. Com este irmão, Paulo partilhará quer os jogos de infância como todo o seu caminho de vida e de santidade. Temos aqui um outro exemplo da união que existia na família Danei. Nem sempre é assim, mesmo nas famílias dos santos. Neste caso, porém, um irmão seguirá Paulo muito de perto, procurando imitá-lo. Todos, na família, cultivarão uma profunda religiosidade e uma grande admiração pelo irmão mais velho.

Também as lembranças que foram guardadas da infância de Paulo e de João Batista, com origem nos depoimentos dos processos canónicos, todas elas são de carácter religioso. Quando a mãe os penteava ou os vestia, bastava que lhes falasse da Paixão do Senhor ou da vida dos padres do deserto para que ficassem logo sossegados. A concordância de tais depoimentos e, mais ainda, o facto de Paulo declarar ter sentido, desde pequeno, um forte desejo de servir a Deus e de imitar os santos, não deixam dúvidas sobre a grande religiosidade dos dois pequenos Danei¹¹.

A casa onde Paulo nasceu era um palacete arrendado aos senhores Buffa, uma família conceituada na terra. A fachada estava voltada para a praça de São Domingos. Constituída por dois andares superiores, mais o rés-do-chão, adaptado a armazém para o comércio de Lucas, era uma casa muito grande e mais bonita que a maior parte das habitações de então. Esta casa é hoje monumento nacional, existindo nela um pequeno museu aberto a visitas e aos devotos. Para os dois irmãozinhos, o coração da casa era o pequeno oratório doméstico que eles tinham construído no amplo sótão. Lá para cima se retiravam desde pequenos para rezar, reproduzindo as solenes cerimónias que viam nas igrejas da terra e tentando imitar as penitências dos santos, cujas biografias lhes eram lidas pela mãe¹².

¹¹ Cf. especialmente os depoimentos da irmã Teresa em *PBC*, II, 25, e do Irmão Boaventura Ladi em *PBC*, I, 311.

¹² *PBC*, II, 25 (Teresa Danei).

À sua volta estava a aldeia que eles começavam lentamente a explorar. Ovada está situada na confluência de dois afluentes do rio Pó, o Orba e o Stura. Está circundada por verdes colinas onde predominam os vinhedos. Logo por trás está o Apenino lígure. Com os seus doze mil habitantes, Ovada é hoje uma povoação muito próspera. O centro histórico, esmeradamente conservado como nos tempos de Paulo, confirma que, também no passado, era um centro ativo e laborioso.

O pequeno comércio da casa Danei

O universo materno de Paulo ia-se abrindo espontaneamente ao mundo de papá Lucas e à sua atividade comercial. A família dos Danei tinha tido no passado uma notável importância na história de Castellazzo Bormida, a aldeia de onde era oriundo. Pertencia à pequena burguesia aldeã, mas, nos últimos decénios, tinha sofrido alguma quebra económica devida, certamente, às numerosas guerras que assolaram aquela zona no século XVII¹³. Isto não quer dizer, porém, que se tivesse de incluir entre as famílias pobres da aldeia, que eram, certamente, a maioria.

Tanto os Danei com os Massari eram famílias de pequenos comerciantes¹⁴. As características do tal pequeno comércio eram, porém, muito diferentes daquelas dos mercados do nosso tempo. Se ainda hoje não é fácil desvencilhar-se do meandro das leis fiscais e comerciais, naquele tempo devia ser praticamente impossível. Na verdade, a revolução francesa e Napoleão tiveram o mérito inegável de organizar notavelmente a vida social. Antes, havia como que uma outra realidade social, difícil de a compreendermos hoje, feita de autonomias e privilégios, de intervenções diversificadas segundo as várias fontes de autoridades legítimas ou não, recaindo tudo sobre a população indefesa.

Desta forma, Lucas Danei, por qualquer problema que tinha com o fisco, teve de emigrar de Castellazzo – sua terra de origem, que fazia parte, então, do ducado de Milão –, para Ovada, terra pertencente à República de Génova¹⁵. Mais tarde, em 1709, Lucas será detido e metido

¹³ *StCr*, I, 70-71.

¹⁴ P. Federico, *art. cit.*, 256-257.

¹⁵ Para todo o acontecimento, ver *StCr*, I, 72-76.

na prisão por ter usufruído de tradicionais privilégios de Cremolino, respeitantes ao comércio do tabaco¹⁶. Também do próprio Paulo se contava, como se de uma proeza se tratasse, que teria transportado um pacote de tabaco, provavelmente de contrabando, de uma aldeia para a outra em pleno inverno¹⁷. Uma outra vez caiu nas mãos dos ladrões, que lhe roubaram mercadoria e dinheiro, e, só por compaixão, lhe pouparam a vida¹⁸.

Razões de comércio ou, talvez, para se defender das leis vexatórias em vigor, fizeram com que Lucas tenha mudado várias vezes de domicílio. Esteve em Ovada desde 1685 até 1701. Transferiu-se depois para Cremolino, no ducado de Mântua, permanecendo aí até 1709. Entre 1709 e 1710 esteve em Campo Ligure, de novo na República de Génova e, pouco depois, segundo parece, na própria cidade de Génova ou nalgum lugar próximo, onde permaneceu cinco anos¹⁹. Por volta de 1716, Lucas Danei voltou a Castellazzo, sua terra de origem, que, entretanto, tinha passado para o Ducado de Saboia²⁰.

Também o avô materno de Paulo, João Batista Massari, teve problemas com a justiça por causa da sua atividade comercial. Em 1698 foi citado em juízo por ter vendido pólvora a um tal Siri, de que tinha obtido o monopólio em Ovada. Não se sabe como terminou o caso, mas acontece que, no ato da venda proibida, João Batista se encontrava presente no negócio juntamente com uma criança de quatro anos, e que era, provavelmente, o netinho Paulo²¹.

Não saberemos dizer se estas contingências vividas na infância por Paulo tenham tido alguma influência no seu caminho espiritual. É verdade que influenciaram a sua formação humana. Se se pensa que muitíssimas pessoas, naquele tempo, não saíam quase nunca da própria aldeola ou, se o faziam, era para os lugares mais próximos²²,

¹⁶ G. Gaino, *Cremolino nella storia*, Asti 1941, 91-93.

¹⁷ Testemunho de G. Cioni, citado em *StCr*, I, 120.

¹⁸ *PBC*, I, 122 (G. Cioni).

¹⁹ *Istruzione per il sig. Paolo Francesco Daneo per ottenere le dimissorie ad ordines*, em *Bollettino*, 1928, 118.

²⁰ Segundo Cioni, no regresso do breve alistamento na guerra contra os turcos, Paulo foi para Castellazzo, para junto dos pais: *Annali*, 31.

²¹ G. De Sanctis, *op. cit.*, 15-16.

²² G. Livet, R. Mousnier, *op. cit.*, 150.

compreende-se quanto a infância e a juventude de Paulo e de João Batista fossem diferentes da dos seus coetâneos. A particular situação da zona em que eles nasceram pode ter favorecido o nomadismo da sua família. Situada no limite entre quatro pequenos estados – o Ducado de Milão, de Mântua, de Saboia e o da República de Génova – era fácil passar de um Estado para o outro, acontecendo muitas vezes que as próprias aldeias mudassem de dono.

Assim, pode-se dizer que, desde que abriu os olhos para este mundo, Paulo se sentiu envolvido por aquela vida agitada e aventureira dos pequenos comerciantes de fronteira, em contínuas negociações de compra-venda, entre traficantes e alfândegas, entre pequenos contrabandos, denúncias e medos.

A partir destas notícias, parece claro que a infância e a juventude do homem-Paulo tenham sido marcadas pela atividade comercial e por frequentes viagens e movimentações. Estas características favoreceram, certamente, também na sua vida *consagrada*, a mobilidade, a disponibilidade para mudar, o desapego das coisas e lugares, a coragem para enfrentar viagens, a rapidez das decisões, à procura de um *lucro* de outra natureza, isto é, espiritual.

Sobre a vida cristã de Lucas Danei já não se fazem os mesmos elogios que se fazem à de Ana Maria. Isto não significa que ele não tenha sido um homem profundamente piedoso e honesto. Recorde-se que ele não queria que os seus filhos manejassem armas, nem que fossem só de caça, e que não jogassem às cartas²³. Morreu em 1727 de uma queda provocada involuntariamente por alguém, pelo que pediu ao filho José para perdoar a quem o tinha feito cair, e desejando o martírio.

A carta que Paulo escreveu, por essa circunstância, à mãe, é a confirmação da fé que Lucas possuía. Entre outras coisas, dizia: *Cara Senhora, minha Mãe* [naquele tempo falava-se assim aos pais], *esteja feliz, porque certamente ele já está no paraíso, e faça com que os de casa estejam também todos felizes*²⁴.

²³ PBC, II, 24 (Teresa Danei).

²⁴ L I, 90 (16-8-1727). LA, 523.



Apresentação da edição brasileira	7
Cronologia de Paulo da Cruz	11
Apresentação.....	17
Prefácio	21
Nota do tradutor.....	25
Abreviaturas	27

I PARTE

A VIDA

I

No seio protetor da casa Danei (1694-1701).....	31
--	----

II

Preparado para a piedade e para o comércio (1701-1712).....	39
--	----

III

O sopro do Espírito (1713-1716).....	45
---	----

IV

Paulo, um santo leigo (1713-1720).....	49
---	----

V

Preparação próxima (1718-1719).....	55
--	----

VI

A consagração (1719-1720).....	61
---------------------------------------	----

VII

Paulo, jovem fundador (1720-1721).....	67
---	----

VIII

No monte Argentário e em Gaeta (1722-1724).....	83
--	----

IX

Dom Emílio Cavalieri (1724-1725).....	91
--	----

X

Ordenação sacerdotal (1725-1727).....	97
--	----

	XI	
No monte Argentário nasce uma verdadeira comunidade (1727-1730)		107
	XII	
Rumo à construção do primeiro convento (1730-1733).		117
	XIII	
No turbilhão da guerra (1733-1735).		125
	XIV	
Luta pelo primeiro convento (1735-1737).		129
	XV	
O reconhecimento pontifício (1737-1741)		135
	XVI	
Expansão da congregação (1741-1744)		147
	XVII	
Fecundidade e comunhão no Espírito		155
	XVIII	
Pioneirismo e organização (1744-1748).		181
	XIX	
A provação reforça a unidade (1748-1750)		191
	XX	
Estabilidade (1750-1755)		199
	XXI	
Crise de crescimento (1755-1758)		205
	XXII	
O adeus do companheiro fiel (1758-1765).		213
	XXIII	
«Deixo a congregação bem consolidada» (1765-1768)		223
	XXIV	
O ano 1769 e a última viagem ao Argentário (1769-1770)		229

	XXV	
Fundação das monjas passionistas (1770-1772)		237
	XXVI	
Na casa romana dos SS. João e Paulo (1772-1775)		245
	XXVII	
Testamento espiritual e morte de São Paulo da Cruz (Junho-Outubro 1775)		259

II PARTE

PERSONALIDADE ESPIRITUAL

	I	
Um homem todo de Deus		269
	II	
Carisma fundacional e paternidade espiritual		285
	III	
Personalidade sobrenatural: dons e carismas		293
	IV	
Os Mestres		301
	V	
Devorou-me o zelo da vossa casa		309

III PARTE

**UM ITINERÁRIO DE SANTIDADE
COM SÃO PAULO DA CRUZ**

O valor que tem, hoje, o caminho de santificação proposto por São Paulo da Cruz		329
	I	
Deus Pai: o «mar da divina caridade»		331

II	
Deus Filho: «O mar da Paixão de Jesus»	345

III	
A ação do Espírito Santo na santificação	365
Conclusão	383
Apêndice: A Congregação Passionista	387